

11

Mulher
mais
votada do
país, negra
e travesti

**ELEITA COM 50.508 VOTOS,
ERIKA HILTON É A PRIMEIRA
TRAVESTI A OCUPAR
UMA CADEIRA NA CÂMARA
MUNICIPAL DE SÃO PAULO,
MAS, PARA ALCANÇAR
ESSA POSIÇÃO, PRECISOU
SOBREVIVER ÀS RUAS.**

Pronomes de Erika: ela/dela

A eleição de Erika Hilton, a mulher mais votada do país, é um sonho. Não dela, nem meu, mas das pessoas trans e travestis que chegaram antes de nós. De todas as pessoas trans e travestis que foram mortas por serem quem são, que foram impedidas de permanecer em casa, concluir os estudos, ter emprego. De todas as pessoas trans e travestis que foram impedidas de receber afeto, de usar o nome social ou o banheiro. O sonho de todas as mulheres trans e travestis perseguidas pela Operação Tarântula, responsável pelo genocídio da população transgênera durante a Ditadura Militar.

O Brasil lidera o ranking mundial de assassinatos de pessoas trans e travestis em todo o mundo, e São Paulo está na liderança nacional desses crimes. Também fomos o quarto país que mais matou ativistas de direitos humanos em todo o mundo em 2019. Erika carrega todos esses alvos nas costas, mas agora, aos 27 anos, é também a vereadora mais bem votada do país: 50.508 votos. A eleição de Erika representa a esperança.

É uma honra sem tamanho incluir a história de Erika neste livro, reescrito agora por um homem trans. Esse papo quase não rolou, afinal a agenda da mulher mais votada do país é cheíssima, mas Cinthia Gomes, assessora de Erika, conseguiu essa pra nóiz. Depois de muito remarcar, conversei com Erika por telefone, por causa da pandemia, no começo de 2021, quando ela já tinha tomado posse do cargo.

Erika adentrou a Câmara Municipal de São Paulo ao lado de sua mãe, Rose Gregorio, 50 anos. Era para o Plenário Primeiro de Maio, do Palácio Anchieta, estar cheio, como acontece em todos os anos de novas posses, mas a pandemia impediu que o evento fosse como nos anos anteriores. Nem os jornalistas puderam estar naquele espaço com a vereança. Aliás, nem todas as pessoas eleitas estavam lá, mas Erika fez questão de comparecer, de mãos dadas com sua mãe. A presença de dona Rose era fundamental para ela.

— Foi mágico, lindo, potente e maravilhoso. Poder chegar de mãos dadas com a minha mãe naquele lugar, mostrando para ela que nós vencemos, porque não é sobre mim, é sobre nós, é sobre nossa história, sobre nossa família, eu, ela e minhas irmãs, sobre a nossa gente.

Mas aquela casa legislativa, criada em 1560, não imaginava que a mudança seria tão estrutural. Com Erika, mais três corpos trans adentraram o espaço que continua com maioria de homens brancos cisgêneros e heterossexuais. Uma dessas pessoas é Carolina Iara, da Bancada Feminista, eleita com 46.267 votos, que você

conheceu no capítulo anterior. Samara Sosthenes, do Quilombo Periférico, 22.742 votos, e Thammy Miranda, 43.321 votos, completam a lista. Quatro pessoas trans, três travestis do mesmo partido, contra uma imensidade de corpos cisgêneros, mas prontas e prontos para o embate democrático.

No Brasil foram mais de 30 pessoas trans e travestis eleitas em 2020, muitas sendo as mais votadas de suas cidades, como a professora Duda Salabert (PDT), mais votada em Belo Horizonte, com 37.613 votos. Linda Brasil (PSOL), a mais votada em Aracaju, com 5.773 votos. A cidade de Pontal (SP) também teve como mais votada uma candidata trans, Lorim de Valéria, do PDT. Benny Briolly foi a primeira pessoa trans eleita em Niterói (RJ) com 4.367 votos, a votação mais expressiva entre as mulheres.

Conheci Erika justamente na Câmara dos Vereadores, em 2017. Era nosso primeiro evento naquele espaço, eu como público e ela como palestrante. Dei a ela a primeira edição do livro *Transresistência*. Cada palavra dita por ela naquele microfone me mudou por dentro.

Depois a encontrei na primeira Caminhada pela Paz, em 27 de janeiro de 2018, marcha organizada pela Cais, de Renata Peron, que você conheceu no começo deste livro. Essa caminhada acontece anualmente em São Paulo, desde 2015, para que a cidade que mais mata sua população trans e travesti se lembre desses corpos com vida. Daniel Arroyo, fotógrafo da Ponte Jornalismo, registrou uma linda foto desse dia: Erika usava uma saia longa azul, um cropped bege e trazia o seu black power. A foto é o poder em si. E foi tirada em frente a um mural de colagens com frases de empoderamento T no vão do Masp, o mesmo espaço onde conheci Luiza, a primeira personagem do livro.

Para chegar até esse momento histórico, não só de sua vida, mas da história recente do país, Erika precisou sobreviver às ruas e à marginalização, como tantas outras mulheres trans e travestis que precisam recorrer à prostituição para viver.

Vamos voltar no tempo para saber como Erika se tornou a vereadora mais votada do país?

Criança viada

Era o nono dia do último mês de 1992 quando Rose deu à luz Erika, sua primeira filha. Sagitariana, com ascendente em Aquário e Lua em Gêmeos. Filha de Iansã. Erika reconhece que, às vezes, essa junção torna complexa a sua existência. Nascida e criada em Franco da Rocha, na Grande São Paulo, só tem lembranças positivas da sua infância, vivida com a mãe, as avós, dona Zulmira, 83, por parte de mãe, e dona Vera, 73, por parte de pai, e algumas tias.

— Tive uma mãe superprotetora, querida, fofa e amiga. Minha avó também, maravilhosa.

Criança viada, Erika recorda que, na infância, sua identidade de gênero nunca foi um problema. Podia ser quem era ela, sem medo. Paola Bracho, a vilã da novela mexicana *A Usurpadora*, era uma das referências da pequena Erika quando o assunto era feminilidade.

— Eu dizia que era Paola e nunca me reprimiam. Pelo contrário, minha mãe às vezes comprava coisas ditas femininas. Assim eu fui criada: estudando, com uma mãe solo maravilhosa, com as minhas avós. Minha avó paterna morava em Perus, na Zona Norte de São Paulo. Tive uma infância privilegiada, diferente das outras crianças.

A infância de Erika também foi regada a musicalidade preta, apesar de afirmar que sua família só se entendeu como preta depois dela, que por sua vez só se entendeu como preta na universidade.

— Mas eu tinha muita referência negra na música. Minha mãe ouvia Tim Maia, Pepê & Neném. Samba, pagode, samba rock. Meu gosto musical era muito baseado na MPB, mas eu tinha esse apego à música internacional. Minha mãe sempre ouviu bastante música. Ela também me incentivava muito a ler. Eu gostava dos desenhos da Disney, assistia a Branca de Neve, Cinderela, todos os desenhos ditos femininos. Eu gostava de brincar com minhas primas.

Seu maior referencial, porém, é sua mãe.

— Uma mulher trabalhadora, muito vaidosa, era o ápice da feminilidade, da elegância. Minha mãe era a referência da mulher que eu queria ser e me tornei. Eu assistia muita novela, então tinha Paola Bracho como uma referência de mulheridade, de personalidade. Não tive referências negras na minha infância. Minha família passa a se descobrir como negra a partir do meu corpo, do meu processo. Até então ninguém falava sobre isso. Pelo contrário, reproduzia o racismo mesmo sem saber.

Foi esse ambiente musical em casa que trouxe Erika para o momento atual, em que soul, R&B e jazz são seus estilos musicais favoritos. Amy Winehouse, que, mesmo não tendo sido uma mulher negra, é reconhecida pelas divas do jazz, é um dos nomes que sempre tocam nos fones de ouvido de Erika.

— A negritude, os nossos ancestrais, ensinam para a sociedade qual é o modelo de luta, para onde devemos seguir, quais são os caminhos que devemos traçar enquanto pessoas trans, enquanto mulheres, enquanto corpos com deficiência, enquanto qualquer grupo excluído por uma hegemonia. É a partir da negritude e a partir dos povos originários que temos esse aprendizado.

Na literatura, a negritude também se destaca nos gostos de Erika, que começou lendo Machado de Assis, Eça de Queiroz. Mas, no momento de sua descoberta como pessoa trans, eram os romances espíritas que ocupavam seu espaço de leitura.

— Não é sobre o espiritismo. É sobre os romances. Hoje meus gostos são: ficar em casa, tenho voltado ao processo de leitura, gosto muito de ouvir música e me sentir plena, ficar com o meu namorado, ficar com a minha mãe. Filmes e séries não me encantam tanto. Acabo assistindo porque o meu namorado gosta.

A marginalização e o ativismo

No começo da adolescência da filha, porém, Rose se tornou evangélica e as coisas começaram a desandar. Erika não culpa sua mãe pelos episódios que se sucederam a isso, mas, sim, o fundamentalismo religioso. Quando sua mãe entrou para a Congregação Cristã do Brasil, Erika estava começando a se entender como um corpo trans, mas, na época, ainda não tinha consciência de que era uma questão de identidade de gênero. Achava que era ligada à sexualidade.

Aos 13 anos, no ápice da cristianização de Rose, Erika foi mandada para Itu, interior de São Paulo, para a fazenda de uns tios extremamente religiosos, em um bairro de classe média, para uma espécie de “cura gay”.

— Na expectativa de me curar, de me expurgar, fico nessa casa sem televisão, sem rádio, sem revistas, onde não se pode falar de outra coisa que não religião e Deus, onde tudo é pecado e nada pode.

Depois de um tempo, Rose foi para Itu acompanhar o que Erika chama de inquisição e tortura.

— Não era violência, eu não era agredida, mas eram métodos psíquicos e emocionais em que eu me converto, acredito que é uma cura, me batizo na Congregação Cristã do Brasil e sigo um período de bem com a minha mãe e com a minha família. Ela alugou um apartamento na periferia de Itu e eu fiquei um tempo estudando. Mas lá, na periferia, eu tinha contato com corpos dissidentes, que foram resgatando a minha essência.

Todo o processo que a família e Erika acreditavam ser uma cura só serviu para acirrar os ânimos em casa e atrasar seu reconhecimento enquanto travesti. Foram os contatos, ou a reconexão, com outros corpos dissidentes que ajudaram Erika nesse período.

— Eu sempre senti, sempre agi e sempre soube da minha feminilidade e pude exercer na minha primeira infância. Mas, para quebrar com a caixa cis-heteronormativa da sociedade, é um processo. E foi até cedo. Com 14 anos, eu já vou me entendendo travesti e começam os processos mais violentos e agressivos entre mim e minha mãe, que estava tomada pelo pensamento fundamentalista.

Daí para a frente, a situação só piora. Pressionada pela família e, principalmente, pela igreja, Rose expulsa a filha de casa diversas vezes. Na última, Erika começa a vida na prostituição.

— Vou para Francisco Morato, me conecto com as travestis de lá. Vou me tornando uma travesti de rua, de pista, conhecendo o que é a madrugada, os clientes e a noite.

Um tempo depois, Erika volta para Itu, mas ainda continua na prostituição, até que conhece um homem, cisgênero e branco,

com quem acaba se envolvendo. Por sua instabilidade financeira e como estava, lentamente, retomando as conversas com sua mãe, acaba indo morar com ele.

— Caso com esse homem e vivo um relacionamento tóxico, abusivo, no qual eu me prostituía para sustentar o vício em crack dele. Ele é preso e eu passo um ano na porta da cadeia visitando, sendo humilhada. Ele sai, e a vida volta a ser o tormento que era.

A separação inevitável foi crucial para que Erika pudesse seguir viva. Passado algum tempo, ela conhece uma mulher, negra e cis-gênera, com dois filhos, com quem morou por seis meses. Apesar de não ter sido um relacionamento que considere saudável, foi a partir daí que a vida de Erika começou a mudar.

— Só depois da relação com essa mulher cis que eu vou em busca da minha humanidade, começo a me conectar com textos de ativistas como Daniela Andrade, e aí sim vou descobrindo a militância e o ativismo.

Erika decide, então, voltar a estudar, já que tinha abandonado os estudos no tempo que trabalhou na prostituição. A primeira grande luta ativista aconteceu quando retornou ao ensino médio, inscrita no EJA (Educação para Jovens e Adultos), e exigiu o nome social na carteirinha de transporte escolar.

— Não tinha condições de pagar e eles não queriam usar o meu nome social. Mesmo com pouca bagagem, em conexão com um menino trans de São Carlos, que posteriormente namorei, fui entendendo qual é essa militância.

De Itu, Erika vai para São Carlos, também no interior do estado, onde, de fato, se conecta pela primeira vez com o ativismo. A ideia era encontrar pessoas que atuavam na militância trans, mas que já não estavam mais na luta.

— Vou em busca dessas pessoas para falar sobre o que elas construíram e aí conheço a universidade, onde passo a militar junto ao movimento estudantil, mesmo antes de ingressar.

Em 2018, aos 25 anos, presta cursinho pré-vestibular e entra na universidade. É lá que se reconhece enquanto negra, se debruça sobre raça, racismo e se torna uma ativista em prol da igualdade.

— Passo em pedagogia e depois vou estudar gerontologia. Não concluo nenhuma das duas graduações e abandono gerontologia no meio para tomar posse e assumir o primeiro mandato coletivo do estado de São Paulo em 2019.

Entrada na política

Ainda em Itu, em 2016, Erika Hilton foi candidata pela primeira vez a um cargo na vereança. A ideia na época não era ser eleita, mas demarcar um lugar na política institucional da cidade. Em outubro de 2018, foi codeputada estadual pela Bancada Ativista, que trazia mais sete codeputados representados por Monica Seixas. Naquele ano, a educadora social Erica Malunguinho se tornou a primeira mulher trans e negra a assumir um posto como deputada na Assembleia Legislativa de São Paulo. Estive com Erica e Erika no dia da posse, em 15 de março de 2019, fazendo a cobertura pela Ponte.

“Tem uma sensação de medo com alegria. Medo por estar neste lugar com essas pessoas engravatadas, e alegria de saber que chegamos e conquistamos novos espaços para além dos que eram designados pra nós. Estamos trazendo o novo, a esperança. Mulheres trans, negras e travestis ocupando esse lugar, fazendo política, sendo uma voz que vai ter que ser ouvida, gostem eles ou não”, me disse Erika Hilton naquele dia.

Com a eleição, Erika ganhou ainda mais visibilidade. A essa altura, com uma importante e sólida trajetória como ativista, militante dos direitos humanos, ela se torna uma palestrante chamada para discutir, em universidades, Sesc e outros espaços públicos, temas como gênero, raça, classe e direitos humanos.

— Assumo o mandato já como ativista reconhecida e respeitada dentro dos temas que eu abordo. Assumo pela Mandata Ativista, trabalho quase dois anos nessa mandata, atuo politicamente na cidade de São Paulo, já projetando uma candidatura à vereança porque São Paulo precisava, porque nunca tinha tido, porque é a maior cidade da América Latina. Vou construindo um trabalho sólido dentro da cidade.

Amor de mãe

Apesar de tudo o que rolou, nunca houve um momento de reconstrução da relação de Erika com a mãe. Tudo sempre esteve ali e, apesar das diversas tentativas da igreja de destruir essa relação, o amor prevaleceu.

— Minha mãe sempre foi minha parceira, minha amiga, minha confidente, minha estimuladora. Minha autoconfiança vem de como minha mãe me colocou no mundo e sustentou a infância inteira a criança viada. Ela sempre bancou. A igreja fez uma lavagem cerebral nela, perturbou, ela reconhece isso, mas foi um período curto, e logo nós reatamos.

Essa reconexão com a mãe aconteceu enquanto Erika estava na prostituição. Se está viva hoje, garante, é por causa de sua mãe.

— Já tive muito mais dor, muito mais peso, de olhar para essa história. Muito mais mágoa para encarar. A partir

da minha conexão com a minha nova forma de viver, eu vou olhando para a minha história com mais verdade. Durante muito tempo, eu ganeei a mim mesma.

Durante alguns anos, Erika contou uma versão diferente dos fatos, porque ali ainda havia muita dor.

— Era uma história que eu contava para me proteger da minha própria história, para me blindar dos meus sentimentos, para me blindar do reconhecimento de quem eu sou enquanto pessoa. Nesse período, eu fui uma Erika construída e montada para resistir a todas essas violências. Eu não podia fraquejar, eu não podia chorar, eu não podia esmorecer. Eu não tinha moradia, precisava pagar a cafetina, eu tinha que me virar para dormir, cheguei a dormir na calçada, em coreto de praça, tomar chuva e aparecer na porta da escola toda molhada para pedir abrigo, pedir roupa para as pessoas. Resistir a tudo isso demandou uma dureza.

Com muita terapia e honestidade, ela consegue, hoje, olhar para a sua história com tranquilidade e respeito, mas, ao mesmo tempo, com muita tristeza.

— Essa Erika passou por coisas que ninguém precisa passar. Eu peguei tudo isso e transformei em potência, em evolução para mim e para o mundo. Essa Erika serviu para dar vida a essa ativista, para dar vida a esse ser político, para dar vida a uma pessoa que tem essa compreensão de mundo. Se não fosse por tudo isso, se não fosse ser tratada pela sociedade da forma como fui tratada, viver o que eu vivi, ver o que eu vi, aprender o que eu aprendi nas margens, talvez eu não fosse essa potência que o mundo reconhece e que eu também passo a reconhecer.

Esse reconhecimento é difícil. Erika sabe bem. Um de seus maiores medos é cair em um ego individualista, deixando de lado sua humildade e essência. É contra isso que ela luta inter-namente todos os dias.

— A minha história me faz entender que as coisas só são possíveis quando são coletivas, feitas com trocas, com verdades.

Quando olha para trás, Erika tem vontade de abraçar a sua versão de 14 anos, que, tão jovem, precisou resistir a tanta coisa.

— Tenho vontade de dizer para ela que as coisas vão mudar, porque a essência, o brilho e a luz que a família deu para ela, que ela viu no mundo, que o amor maternal, que a criação dela permitiu que tivesse não seriam roubados, apesar das tentativas sistemáticas do Estado, da necropolítica, da exclusão dos corpos dissidentes, do racismo e da transfobia estrutural. Nada disso que eu passei e vivi na pele foi capaz de me tirar essa potência.

Nada disso, porém, é sobre romantizar um episódio de marginalização no qual foi jogada.

— Isso é desumano e precisa ser combatido. Eu poderia ser muito potente mesmo sem ter passado por tudo isso. Eu acredito nisso. Eu tinha acolhimento familiar, eu tinha liberdade, autonomia, escolhas. A minha criação foi fantástica e me fez ser quem eu sou hoje. Mas isso foi uma vivência que criou cascas, que me deu ferramentas e subsídios para enxergar o mundo da forma como eu enxergo, para falar com tanta propriedade sobre a marginalização, sobre a exclusão social, sobre os estigmas da sociedade: porque eu vivi, porque ainda vive em mim. Por mais que esteja em processo de cura o tempo inteiro, é isso que me constitui enquanto pessoa.

Erika é a filha mais velha de Rose, que tem mais duas meninas: Maria Eduarda, 21 anos, e Maria Clara, 15. Com o nascimento das novas crianças, as coisas apertaram para essa família, que sempre viveu na periferia.

— Mesmo assim ela nunca deixou de me ajudar, de comprar livros e dar dinheiro para xerox na faculdade. Até hoje ela mora em uma Cohab da CDHU. O discurso de ódio que nos separou tentou desligar algo que era impossível desligar. Minha mãe é preciosa em tudo para mim. Minha mãe representa ubuntu. Ela é foda, fantástica. Foi ela que me ensinou a coletividade.

Relacionamento transcetrado

Assim como nosso casal trans deste livro, Helena e Klaus, Erika também tem um relacionamento transcetrado. Há três anos, ela divide momentos de parceria de vida em uma “relação preciosa” com o ator Gabriel Lodi, 33 anos, que também é sagitariano com ascendente em Aquário. O equilíbrio do casal, afirma Erika, vem da lua em touro de Gabriel.

— A Lua dele é em Touro e a minha em Gêmeos, me deixando um pouco mais passional, mais doida. Mas é importante esse Touro que dá uma assentada.

Apesar das diferenças, já que o namorado é homem trans branco, Erika conta que, por serem corpos dissidentes, as histórias se conectam em vários lugares, de formas diferentes.

— É a primeira vez que eu posso dizer que estou em um relacionamento que não é tóxico, não é violento. Não é perfeito, assim como nenhum relacionamento, mas a gente se exercita muito para torná-lo cada vez melhor e alcançarmos o equilíbrio um dia.

Estar nesse relacionamento impulsionou Erika a chegar aonde chegou.

— A gente decidiu morar junto porque compreendemos a magnitude e a preciosidade desse relacionamento transcrito e inter-racial como pessoas que se complementam, se respeitam, se entendem e querem fazer da sociedade um lugar diferente, seja na política, seja nos palcos. Gabriel é muito amigo e ele sustentou essa barra que é gostar de Erika Hilton. Isso faz bem para minha vida pública, privada, pessoal.

A mulher mais bem votada do país

Das ruas para a Assembleia Legislativa do Estado de S. Paulo (Alesp), da Alesp para a Câmara dos Vereadores. Cabe nessa frase o resumo de mais de dez anos da vida de Erika. Mas ela sabe bem que não dá para resumir ou apagar tudo o que viveu nesse período. O que ela também sabe é que tudo isso a que foi submetida a ajudou a ser a Erika de hoje.

Erika representou uma das 753 candidaturas que se comprometeram integralmente com pautas antirracistas, feministas e populares a partir do legado da vereadora Marielle Franco, assassinada na noite de 14 de março de 2018, para as eleições de 2020. Marielle era muitas: mulher, preta, cria da Maré, favela da Zona Norte do Rio de Janeiro, e bissexual.

A agenda consistia em sete pautas de Marielle que as candidaturas se comprometeram a apoiar: justiça racial e defesa da vida, gênero e sexualidade; direito à favela; justiça econômica; saúde pública, gratuita e de qualidade; educação pública, gratuita e transformadora; e cultura, lazer e esporte. Além de sete práti-

cas: diversificar, não uniformizar; ampliar, não limitar; honrar, não apagar; coletivizar, não individualizar; puxar, não soltar; escancarar, não se encastelar; cuidar, não abandonar.

— É assim que eu chego a esse lugar de reconhecimento dessa trajetória, dessas lutas que foram travadas, dessas construções muito sólidas e verdadeiras que fiz com as pessoas e os movimentos. Eu não esperava ser a mulher mais bem votada do país, nessa atual conjuntura, com esse presidente, com o racismo, com a transfobia e com todas essas violências impostas. Essa candidatura representa uma resposta para tudo isso. Representa todo o trabalho construído desde a luta pelo meu nome social na carteirinha de ônibus até hoje, como a mulher mais bem votada. Está dando certo e está sendo feito por várias mãos de várias gentes de vários lugares.

No dia da posse, seu partido, o PSOL, decidiu lançá-la como candidata à Presidência da Mesa Diretora da Câmara, concorrendo com a chapa liderada pelo vereador Milton Leite (DEM), aliado do prefeito Bruno Covas (PSDB), que viria a falecer naquele mesmo ano. Erika recebeu seis votos e a outra chapa, 49.

— Sabíamos da impossibilidade de nos elegermos para a presidência da Câmara por causa das negociações que são feitas, mas enquanto partido achamos importante mostrar que não fazemos acordos com a direita. Mostrar para que chegamos e como chegamos.

O primeiro passo, depois da posse, foi articular a equipe, que precisava ser diversa e plural para abarcar todas as representações de gênero, classe e raça. Além disso, Erika tem aprendido a lidar com uma nova rotina, devido às constantes ameaças de morte que tem recebido desde que saiu como candidata. Por tudo o que passou em sua trajetória, ela avisa: os fundamentalistas da Câmara não a intimidam.

— *Eu tô pronta. A vida me preparou para esse lugar. Eu vou jantá-los. Eu vou colocá-los nos seus devidos lugares. Agora, essa teia de ódio, de ameaças, essa tentativa de intimidação e silenciamento, isso é muito difícil, isso é muito ruim. Passei por isso em 2018, em 2019 com a Bancada Ativista, mas logo se perdeu e eu pude ter vida de novo. Agora novamente tenho miras voltadas contra mim. Eu processei 150 pessoas. Existe um perigo que me ronda e eu preciso trabalhar o tempo inteiro para não dar margem para nenhum tipo de coisa acontecer.*

Para Erika, é justamente Marielle Franco que traz luz para o perigo que é ser ativista de direitos humanos no Brasil hoje.

— *Carrego muitos alvos nas minhas costas e isso é muito difícil, porque é perder um pouco da liberdade. É perder um pouco da privacidade. É ter uma preocupação em olhar para todos os lados.*

Antes era o ódio do “macho louco da esquina” que Erika precisava enfrentar. Agora o ódio é outro e faz parte de uma guerra entre “fascistas, reacionários e bandidos da política”, de um lado, e “lutadores por direitos humanos e ativistas”, do outro.

— *Esse é outro ódio, é um risco de vida. Eu digo que o maior privilégio que carrego, a maior força que tenho, é estar viva, é ter sobrevivido a todos esses espaços pelos quais passei, pela possibilidade de estar morta. Mas não morri. Eu tive muito axé na rua. Mas agora eu entro em um patamar em que a possibilidade de execução não é só a de executar a travesti, mas a de executar o projeto político, executar a ameaça que a travesti representa para a sociedade, executar o apontar de dedos dos privilégios, executar tudo aquilo que o sistema mais odeia.*

Sobrevivente em sua essência, Erika sabe que não anda só. Tem ao seu lado 50.508 pessoas que acreditam no projeto político de uma travesti preta e de todos os que vieram antes.

— *Que eu sobreviva e viva. Assim como sobrevivi às violências sistêmicas quando estava à margem, que eu também sobreviva ao ódio institucional, à violência política, com muita gente, construindo os caminhos da sociedade. Não vou construir nada sozinha, não estou sozinha. Tem muita gente lutando nos territórios e espaços, emanando essa energia e essa força. É assim que eu pretendo sobreviver a isso para fazer história. Só com uma rede de apoio avançaremos. Não é para mim. É para nós, é sobre nós. O meu corpo ali, na linha de frente, mas pensando em toda essa sociedade. Não é fácil, pois tenho as questões psicológicas que me colocam em tensão, colocam nossa vida em risco, mas tem um motivo para ocupar esse lugar. É urgente e necessário que eu não ocupe esse lugar sozinha. Eu não cheguei aqui para morrer. Eu cheguei aqui para fazer história.*

A história reescrita e televisionada

O primeiro dia de fevereiro de 2021 foi um dia histórico. Não só para Erika Hilton ou para mim, nem tampouco apenas para o *Roda Viva*, maior programa de entrevistas da televisão brasileira, mas para o nosso país. Foi a primeira vez na história de 34 anos do programa que um jornalista trans ocupou a bancada de entrevistadores e que uma travesti negra ocupou o meio da roda.

Aliás, aquela foi a bancada mais diversa já convidada pela apresentadora, a jornalista Vera Magalhães. Nenhum homem cis-hétero branco foi convidado para entrevistar Erika. Ao meu lado, es-

tavam Vitória Régia da Silva, repórter da revista digital Gênero e Número, que é bissexual e negra, Thiago Amparo, professor de direito da FGV-SP, negro e gay, e Helena Vieira, escritora e mulher trans. Completando a bancada, Angela Boldrini, repórter do jornal Folha de S.Paulo.

Erika foi convidada para o *Roda Viva* após uma semana assustadora para as parlamentares trans e negras do PSOL, coincidentemente (ou não) na semana da Visibilidade Trans, data comemorada (com muita luta) em 29 de janeiro. O primeiro caso que veio à tona foi o de Carolina Iara, que sofreu um ataque a tiros em sua casa, no extremo leste da cidade de São Paulo. Por sorte, ou por Exu, nenhum dos dois tiros atingiu Carol ou sua família. Depois foi a vez de Erika enfrentar uma quase invasão em seu gabinete de um homem que proferia palavras religiosas e insistia em ver a vereadora. Erika já começou na Câmara trabalhando de portas fechadas após receber diversas ameaças. Por fim, foi a vez de Samara Sosthenes, covereadora do Quilombo Periférico, que viu uma pessoa numa moto atirar para o alto em frente a sua casa.

Com os ataques a Erika, a produção do *Roda Viva* decidiu reconhecer a potência que essa mulher representa. O anúncio foi feito em 28 de janeiro, um dia antes do Dia da Visibilidade Trans, pelas redes sociais do programa. No Twitter, recebi diversas marcações de pessoas pedindo para que o programa me chamasse para ser um dos entrevistadores. Entrei na “brincadeira” e curti os comentários, falando que estava pronto para esse momento. Mas eu não estava, porque achei que isso não se concretizaria.

No mesmo dia, recebi uma mensagem no WhatsApp direto de Vera, apresentadora, perguntando se eu topava. Não pensei duas vezes e disse sim. Deu tempo de avisar o grupo da Ponte Jornalismo e de alguns amigos e fiquei sem luz até a manhã seguinte, segurando a ansiedade desse momento, que eu já sabia que seria histórico. Só na tarde do dia seguinte, a produção divulgou todas as pessoas que estariam ao lado de Vera na sabatina. Postei nas redes sociais e chorei com cada comentário.

Erika Hilton ser entrevistada no centro do *Roda Viva* já era histórico, mas era ainda mais histórico que ela fosse entrevistada por pessoas trans, pessoas negras e mulheres. Era como se toda a luta tivesse valido a pena.

O programa foi ao vivo, para aumentar ainda mais a tensão de todo mundo: nós, que estaríamos lá, e de todos que nos amam. Dona Raimunda, minha amada avó, havia prometido assistir ao programa, e a minha ansiedade só aumentava – ela nunca dormia depois das 8 horas da noite e fazia isso por estar orgulhosa.

No fim de semana que separou o dia do anúncio e o dia do programa ao vivo, São Paulo estava novamente na fase vermelha do coronavírus, então nada abriu naqueles dois dias. Eu queria comprar uma roupa, afinal não tinha nada especial para aparecer na televisão como entrevistador. Também precisava cortar o cabelo, mas tive que segurar a emoção até segunda.

Aproveitei o fim de semana para conversar com pessoas que admiro e elaborar as perguntas para Erika. Não podia falhar. Sabia que estar naquela bancada não era só sobre mim. Era sobre as lutas trans e a representatividade de homens trans e pessoas transmasculinas. Conversei com Bruna Benevides, da Antra, Daniel Veiga, ator e diretor, Jaqueline Gomes de Jesus, maior referência acadêmica do país, Dália Celeste, pesquisadora de Pernambuco, e Neon Cunha, ativista independente de São Paulo. Foi Neon que me ajudou a chegar às perguntas perfeitas para representar tudo o que precisava ser representado ali.

Acordei, passei com o meu filho (de quatro patas), Dumbledore, e fui cortar o cabelo. Queria levar a periferia comigo, no corte chavoso, como chamamos na quebrada – aquele risquinho na régua. No almoço, fui ao shopping comprar uma camisa social. Consegui uma preta, séria e moderna, o look que eu queria. Decidi ir todo de preto, com um tênis branco e uma pulseirinha com as cores da bandeira trans – rosa-claro, branco e azul-claro.

Trabalhei normalmente, apesar de não conseguir me concentrar em nada. Às 20 horas, um carro da TV Cultura veio me buscar aqui, no centro da cidade, onde moro desde agosto de 2019, para me levar até a emissora, na Barra Funda, na Zona Oeste. Fui em silêncio, tentando controlar a respiração e o nervosismo. Quando cheguei, Vitória Régia e Angela já estavam lá. Só fiquei mais tranquilo quando elas me contaram que também estavam nervosas. Pouco depois, Thiago chegou, e Vera também. Na sequência Erika, acompanhada do namorado, Gabriel Lodi, e Helena.

Fiquei uma hora ali, mas pareciam dez minutos. Deu tempo de tomar um café e ir para o estúdio. Se eu estivesse monitorado como no *Big Brother Brasil*, reality show da Rede Globo, em dia de paredão, que é quando os participantes são eliminados, os marcadores certamente estariam na casa dos 200 batimentos cardíacos por minuto.

Aliás, naquela noite íamos competir com a audiência do *BBB*, já que às segundas o apresentador Tiago Leifert entrava ao vivo para fazer alguma dinâmica com os participantes. A edição daquele ano, particularmente, teve polêmica atrás de polêmica, principalmente pelos participantes que o Twitter chamou de Gabinete do Ódio, composto pelos rappers Karol Conká e Projota, a psicóloga Lumena Aleluia e o humorista Nego Di, todas pessoas negras que fizeram parte do time mais diverso da história do programa, mostrando que nem todas as pessoas integrantes de uma minoria são militantes.

Fui a penúltima pessoa a fazer uma pergunta para Erika naquela noite. Comecei com a seguinte frase:

— Erika, é uma honra estar aqui hoje. Estamos fazendo história. Você, como a primeira mulher trans negra entrevistada, eu como o primeiro homem trans na bancada, a mais diversa que esse programa já teve.

Na sequência, perguntei se ela achava que os ataques eram políticos ou crimes de ódio por serem três travestis negras, além de colocar o dedo na ferida do posicionamento da imprensa, que, historicamente, fala de pessoas trans só pelo aspecto da violência.

Realmente foi a melhor bancada possível para entrevistar Erika, porque todas as perguntas necessárias foram feitas. Perguntamos sobre política, identidade, afetos, pautas de cidades, como o sucateamento da UBS Santa Cecília, equipamento que atende mil pessoas trans em São Paulo, cultura, futuro, ideologia de gênero, família, luta contra o fascismo.

A cada intervalo, Vera nos contava que subíamos entre os assuntos mais comentados no Twitter, apesar da treta rolando solta no *BBB* entre Karol Conká e os demais participantes. No último intervalo, já éramos o terceiro assunto mais falado naquela rede social.

Fizemos história. História de vida, de construção, de atuação. História de mudança no cis-tema. Erika é a nossa maior representante viva, mas que ela não seja a única, que sejamos cada vez mais plurais e potentes. Que um dia, assim como afirmei no programa, possamos ver Erika Hilton na presidência do Brasil. ✖